


ENTREVISTA COM LUCIA HELENA

INTERVIEW WITH LUCIA HELENA

Anélia Montechiari PIETRANI¹

LUCIA HELENA concluiu o doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1983. Realizou o Pós-Doutorado em Literatura Comparada na Brown University, em 1989. Aposentada do departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, onde lecionou Teoria da Literatura até 1992. Atualmente é professora Titular Aposentada da Universidade Federal Fluminense. Até o momento, publicou 57 capítulos de livros e 12 livros de autoria individual, além de ter organizado 6 livros coletivos. Orientou e supervisionou, intensamente, mais de 50 dissertações de Mestrado, teses de Doutorado, pesquisas de Pós-doutorado e Bolsas PIBIC, também na área de Letras. Coordenou diversos projetos de pesquisa. Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira. Mais recentemente tem se dedicado à Literatura inicialmente produzida na África e de expressão inglesa, abordando, em especial, a obra de J. M.Coetzee, hoje radicado na Austrália. Criou e dirigiu, em 1993, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura, NIELM, na Faculdade de Letras da UFRJ. E criou e lidera, desde 1995 até o presente, o grupo de Estudos CNPQ/UFF “Nação e narração”. Tem lecionado, como professora visitante, cursos no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa; no exterior, deu cursos como visitante, a saber, na Universidade Clássica de Lisboa; Universidade de Pavia (Itália). Nos Estados Unidos: Rochester, NY; Brown, Providence, RI (nestas duas foi pesquisadora visitante); Albuquerque, New México; Minneapolis, Minnesota; e na Florida International University. Pesquisadora 1-A do CNPq. Recebeu, em 2009 o II Prêmio UFF de Excelência Científica na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

¹ Professora Associada de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras — UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas — UFRJ; e coordenadora do NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura). E-mail: aneliapietrani@letras.ufrj.br.



ANÉLIA MONTECHIARI PIETRANI (AMP): Sua extensa produção crítica atravessa vários momentos da literatura brasileira, em suas diferentes formas textuais. Seu leitor atento é um privilegiado. Tomás Antônio Gonzaga, José de Alencar, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector são apenas alguns dos autores que você privilegia em seus estudos. O que significa, para você, ser uma pesquisadora da literatura?

LUCIA HELENA (LH): Elaborar projetos e reflexões, sempre envolvendo a Literatura Nacional e Comparada, via um aporte teórico, que me permita refletir sobre a minha situação no mundo e como a literatura nele atua e por ele é influenciada. Favorecer, também, pelas atividades inerentes de orientação, a criação do pensamento crítico e livre em meus orientandos e nos livros resultantes de minhas pesquisas.

AMP: A Revista Policromias, que publicará sua entrevista, reúne trabalhos que abordam a materialidade da língua, da imagem e do som. Os textos críticos que você têm publicado direcionam seu leitor a pensar na especificidade do texto literário, no fenômeno literário e em suas relações com a cultura. De que forma o olhar mais específico da literatura pode/deve voltar-se a outras manifestações artísticas e culturais?

LH: De fato, os textos críticos que tenho publicado procuram conduzir meus leitores a pensar na especificidade do texto literário, no fenômeno literário em suas relações com a cultura.

Acho que o olhar específico da literatura pode voltar-se a outras manifestações artísticas e culturais e em alguns livros, como *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea* (Contra Capa, 2010) faço articulações com a manifestação teatral, em especial entre a narrativa do modernismo e contemporânea com a tragédia e o drama burguês.

Como não dá para estudar tudo com tudo, tenho deixado quieta a incursão na pintura e artes plásticas em geral, pois não me sinto capacitada bibliograficamente a refletir sobre isto com olhar teórico e crítico numa perspectiva teórico-comparada.



AMP: A temática do nacional foi abordada em muitos de seus escritos. Entre o temor de uns e o louvor de outros, a palavra “nacionalismo” provoca sempre polêmicas. O que significa pensar esse tema e seus sentidos na literatura contemporânea?

LH: Em primeiro lugar seria necessário definir melhor o termo literatura contemporânea. Caso se pense em termos de Agambem, podemos colocar o romantismo como contemporâneo da discussão do nacional, o modernismo e hoje, quando há, em virtude da crise social provocada pelos excessos do neoliberalismo, uma recusa da temática do nacional.

Acho que, no hoje, o nacionalismo é um mal desnecessário, pois pode fechar o horizonte crítico lidar-se com o horizonte monológico de uma só cultura, quando se precisa, na atualidade, desde os anos 1990, principalmente, pensar no conjunto do intercâmbio cultural, econômico e social entre as etnias não só em deslocamento e permanente diáspora, como também nas construções culturais geradas pelo intercâmbio entre as diversas topicalidades.

AMP: A partir de sua experiência como professora e pesquisadora em universidades estrangeiras, fale-nos também sobre como observou e tem observado a recepção da literatura brasileira no exterior.

LH: Desde o final da década de 1980, quando começou meu efetivo intercâmbio com o exterior, principalmente o ensino norte-americano e o europeu em alguns centros como Portugal, Itália e França, posso dizer que naquele período até por volta dos anos 200-2010, havia um interesse bem maior do que agora pela recepção da literatura brasileira no exterior.

No momento atual, não só pela crise econômico-cultural que tirou o primado do Brasil como foco cultural de interesse, mas também pela menor oferta de posições com professor de Literatura brasileira, e noto também um declínio dos postos em que o professor possa realmente lidar, mais à vontade, com estudantes que falam o português do Brasil com alguma fluência, exceção feita a centros específicos tanto nos EEUU quanto na Europa.

AMP: Você costuma dizer que, antes de ser pesquisadora, é professora. Como vê hoje a relação entre a universidade e o ensino, especialmente com o ensino básico? Que sugestões tem a fazer para fortalecer esse diálogo?



● ● ●

LH: Na verdade, eu costumo dizer que sou pesquisadora porque sou professora. É na demanda do contato com o alunado e suas necessidades e em minhas necessidades como alguém que tem uma autêntica ânsia pelo conhecimento que produz a pesquisa e o magistério como atividades co-dependentes. Não se pode ser professor sem ser pesquisador. E nem sempre o contrário se mostra parelho.

AMP: Seus escritos atuais têm discutido as relações entre a literatura e o mercado. Pensando no belo título de seu livro *Náufragos da esperança*, pergunto: existe esperança para a literatura? Existe esperança para a humanidade?

LH: Neste sentido, sou uma modernista convicta. Preciso de utopias para viver.

Tenho consciência que vivemos naufragando e que as civilizações têm sido movidas e impulsionadas pelo desastre e pela flutuação entre “naufrágio e ressurgimento”.

Apesar de minha consciência crítica dos perigos dos seres para os seres e para a natureza e os animais, acredito que existe esperança para a literatura, que necessariamente tem mudado de perfil, de acordo com os tempos e os costumes e sua interação com outras mídias.

Não poderia existir se não acreditasse que existe esperança para a humanidade.

Mas, alerta, somos sempre “náufragos desta esperança”.

AMP: Lucia Helena, concluindo nossa entrevista, quero agradecer por sua diligência e por sua generosidade.

LH: Muito obrigada pela oportunidade de falar e dialogar com a sua entrevista e pela divulgação de uma pequena parte do meu pensamento por tão importante periódico, que me honrou com o convite.

Um beijo grande, Anélia, e obrigada pelas perguntas intrigantes/instigantes.

